

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Marcelli Cristina Crepaldi

**CAPTURANDO VÍNCULOS TRANSFERENCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
um “acontecimento” possível no período de estágio curricular**

Porto Alegre

2011/2

Marcelli Cristina Crepaldi

**Capturando vínculos transferenciais na Educação Infantil:**  
um “acontecimento” possível no período de estágio curricular

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

*Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciane M. Corte Real*

Porto Alegre

2011/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE PEDAGOGIA

Diretor: Johannes Doll

Vice-diretora: Denise Maria Comerlato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

Coordenadora: Maria Bernadete Castro Rodrigues

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110

Campus Centro

Prédio 12201

CEP: 90046-900

Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308-3428

Fax: (51) 3226-7060

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

...à minha Orientadora Luciane que se dispôs a compartilhar esta pesquisa, sempre me ensinando e me auxiliando na construção deste trabalho.

...aos meus familiares: meus avós paternos, que sempre estiveram comigo ao longo desta caminhada. Meus avós maternos, que não moram na mesma cidade, mas que me deram forças e sempre torceram por mim, mesmo que por telefone. Meu irmão, que compartilhou comigo momentos felizes e tristes ao longo desta etapa da graduação.

...em especial, aos meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram que eu estudaria na UFRGS, ressaltando meu potencial em fazer parte desta instituição.

A todas essas pessoas, devo os meus sinceros agradecimentos.

*Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens.*  
*S. Freud*

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso em uma turma de Educação Infantil de uma escola estadual de Porto Alegre. A pesquisa pretendeu investigar a possibilidade da construção do vínculo transferencial entre aluno/professor estagiário durante o período de estágio curricular, proposto pelo curso de graduação em Pedagogia. Esta pesquisa tem como objetivos compreender como foi a construção do vínculo transferencial, levantar indicadores que apontam para o vínculo transferencial e refletir de que modo esse interferiu na aprendizagem dos alunos observados. O referencial teórico utilizado são os estudos de Piaget (1977) para compreender o período de desenvolvimento dos alunos e Kupfer (2005) e Winnicott (1971) para entender a afetividade a partir da transferência. Como resultado, pode-se capturar momentos de transferência a partir do lugar ocupado pela professora estagiária, no curto período do estágio curricular.

Palavras-chave: **Afetividade. Educação Infantil. Transferência.**

## SUMÁRIO

<b>1 CAMINHADA COM A TURMA PENSANDO NO LUGAR DO PROFESSOR. MARCAS DEIXADAS.....</b>	<b>08</b>
<b>2 QUESTÃO NORTEADORA E OS OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
2.1 LEVANTANDO A QUESTÃO.....	10
2.2 OBJETIVOS.....	10
<b>3 FASE DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>11</b>
<b>4 O VÍNCULO TRANSFERENCIAL.....</b>	<b>15</b>
<b>5 OS SUJEITOS DA PESQUISA: DESCRAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA.....</b>	<b>18</b>
5.1. DESCRIÇÃO DA ESCOLA.....	18
5.2 . A TURMA DO PRÉ-B.....	19
<b>6 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>21</b>
<b>7 DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>23</b>
7.1 CAMINHANDO COM OS ALUNOS DO PRÉ-B.....	23
7.2. APRESENTANDO ALGUMAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS.....	25
7.3. CAPTURANDO QUESTÕES TRANSFERENCIAIS.....	26
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
<b>FONTES CONSULTADAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO A – MOMENTO DE RELATO DA ATIVIDADE.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO B – EXEMPLO DE ATIVIDADE.....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO C – EXEMPLO DE RECADOS PARA A ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO D – DESENHO PARA A ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO E – EXEMPLOS DE ATIVIDADES GRÁFICO-PLÁSTICAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO F – DESENHO ALUNA-ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXO G – EXEMPLO DE BILHETE PARA A ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO H – ATIVIDADES ENTREGUE PARA A ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO I – PRESENTE PARA A ESTAGIÁRIA.....</b>	<b>45</b>

## **1 CAMINHADA COM A TURMA PENSANDO NO LUGAR DO PROFESSOR: MARCAS DEIXADAS**

Esta pesquisa foi realizada a partir da minha experiência de estágio em uma turma de Pré-B de uma escola estadual da zona norte de Porto Alegre. A partir de duas semanas de observações, que serviram também para criar e firmar um vínculo afetivo com a turma, iniciei efetivamente o estágio.

Acredito que as crianças, quando valorizadas e acolhidas, enxergam no professor uma figura de confiança e isso os deixa muito à vontade para expressar seus sentimentos e vontades, criando, assim, um vínculo afetivo entre aluno-professor que poderá facilitar a aprendizagem dos alunos e também o trabalho do professor dentro da sala de aula.

Dentro dessa perspectiva, pensando na relação aluno-professor, é que construo este trabalho, visando responder a seguinte questão: “*Como foi construído o vínculo transferencial em uma turma de Educação Infantil?*”. Este trabalho se justifica a partir do ponto em que é importante destacar que existem muitas pesquisas sobre a afetividade na Educação Infantil em diferentes áreas (DANTAS, 1992), (RIBEIRO, 2010), (LEITE, TAGLIAFERRO, 2005), (WALLON, 1979), (VYGOTSKY, 2003), etc. Cada vez mais é reconhecida a importância desse tema, na medida em que afeta diretamente a aprendizagem dos alunos.

O interesse em abordar este assunto, focalizando a transferência, partiu de experiências próprias durante o período de estágio curricular em que percebi o quanto foi significativa a relação aluno-professor. A partir desta experiência, foi possível investigar de que forma o vínculo transferencial se constituiu na relação aluno-professor e como pode contribuir na aprendizagem.

Assim, o estudo foi direcionado a tal temática para poder compreender um pouco mais sobre como ocorre a transferência na fase do desenvolvimento cognitivo em que as crianças da pesquisa estão e investigar os reflexos dessa na aprendizagem. Na tentativa de responder a questão norteadora, percorro o seguinte caminho: como referencial teórico, utilizo Piaget (1977), no sentido de entender o desenvolvimento dos alunos nessa fase. Abordo a “afetividade” a partir do vínculo transferencial, usando autores da psicanálise como Kupfer (2005) e Winnicott (1971).

No próximo capítulo, levantarei as questões de pesquisa e os objetivos. Já no capítulo terceiro, será abordada a fase de desenvolvimento cognitivo das crianças, cujo estudo se direciona. No quarto capítulo, será desenvolvido o conceito de Transferência a partir de



autores da Psicanálise. No quinto capítulo, será apresentada a descrição da escola e da turma em que realizei o estágio curricular. Já no sexto capítulo, será descrita a metodologia utilizada na pesquisa. No sétimo capítulo, farei a análise dos dados obtidos, bem como o aprofundamento das relações que se deram no espaço da sala de aula para, enfim, no oitavo capítulo destacar as minhas considerações finais.

## 2 QUESTÃO NORTEADORA E OS OBJETIVOS

A partir da experiência com os alunos, desenvolveram-se algumas questões e também foram desenvolvidos alguns objetivos nos quais informam a que essa pesquisa se propõe.

### 2.1 LEVANTANDO A QUESTÃO

A presente investigação tem como questão norteadora:

***“Como foi a construção do vínculo transferencial em uma turma de Educação Infantil?”***

Na tentativa de ajudar a responder essa questão, abordo alguns sub-problemas:

- *Que posições a estagiária ocupou para os alunos, ou seja, em que lugar os alunos colocaram a estagiária?*
- *Podemos levantar alguns indicadores de vínculo transferencial na turma (relação aluno-professor)? Quais?*
- *O vínculo transferencial interferiu na aprendizagem dos alunos estudados? Como?*
- *A professora titular interferiu no vínculo transferencial dos alunos com a estagiária? De que forma?*

### 2.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da investigação foi compreender como foi a construção do vínculo transferencial na turma de pré-B de uma escola estadual.

Os objetivos específicos da investigação foram os seguintes:

- Levantar indicadores que apontam para o vínculo transferencial.
- Refletir sobre de que modo o vínculo transferencial interferiu na aprendizagem dos alunos estudados.
- Analisar se a professora titular interferiu no vínculo transferencial dos alunos com a estagiária e como interferiu.
- Produzir material teórico para que professores de educação infantil possam compreender os vínculos que podem acontecer em sala de aula.

### 3 FASE DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para poder entender as questões de relações afetivas que se dão entre alunos e professores na Educação Infantil é necessário entender a fase do desenvolvimento cognitivo da criança nesse período de sua vida. Nesse sentido, sustentarei o estudo no aporte teórico de Piaget (1977) e Winnicott (1971).

Piaget (1977) entende desenvolvimento como um processo espontâneo que se dá a partir da interação da criança com o meio, ou seja, “o desenvolvimento é o processo essencial e cada elemento da aprendizagem ocorre como uma função do desenvolvimento total, em lugar de ser um elemento que explica o desenvolvimento” (PIAGET, 1972, p.1). A aprendizagem é considerada oposta ao que é espontâneo e é provocada por situações, sendo um processo que se limita a um simples problema e para tal se faz necessária a assimilação que nada mais é que a integração de qualquer espécie de realidade do meio exterior internalizada a uma estrutura. Ele restringe a aprendizagem à aquisição de um conhecimento novo e específico derivado do meio, diferenciando-a do desenvolvimento da inteligência que corresponde à totalidade das estruturas de conhecimento construídas. O desenvolvimento se dará pela busca do equilíbrio entre os esquemas já existentes e o mundo exterior, isto é, a adaptação que Piaget considera como ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação<sup>1</sup>.

Na obra *Aprendizagem e conhecimento* (1974), Piaget delimita claramente os conceitos de aprendizagem ainda classificando-os e discutindo-os, chegando aos conceitos de aprendizagem no sentido restrito e aprendizagem no sentido amplo. A aprendizagem no sentido restrito corresponde à aprendizagem entendida no sentido comum, em que o resultado é adquirido em função da experiência. Já a aprendizagem no sentido amplo é a combinação da aprendizagem no sentido restrito e de mecanismos de equilíbrio (INHELDER, 1977).

Cada fase do desenvolvimento é denominada por Piaget como estágio ou estádio e esse termo remete ao período em que ocorrem acontecimentos importantes na vida do ser humano, o que designa cada fase de evolução do desenvolvimento cognitivo. Ferracioli<sup>2</sup> (1999) ilustra que cada estádio se caracterizará pelo surgimento de estruturas originais que se diferenciam das estruturas anteriores pela natureza de suas coordenações e pela extensão do campo de aplicação. Estas estruturas correspondem, então, a características momentâneas que

---

<sup>1</sup> Para Piaget, acomodação é o processo de mudança das estruturas em função da assimilação.

<sup>2</sup> <http://www.fsc.ufsc.br/cbef/port/16-2/artpdf/a5.pdf>

serão alteradas pelo desenvolvimento a seguir, em função da necessidade de uma melhor organização. Cada estágio constituirá então, pelas estruturas que o define, uma forma particular de equilíbrio, realizando uma evolução mental em razão de uma equilibração sempre mais completa.

Piaget (1972, p.2) destaca que existem quatro fatores fundamentais que influenciam o desenvolvimento:

Parece-me que há quatro fatores principais: o primeiro de todos, maturação, [...] uma vez que esse desenvolvimento é uma continuação da embriogênese<sup>3</sup>; o segundo, o papel da experiência, dos efeitos do ambiente físico na estrutura da inteligência; o terceiro, a transmissão social em sentido amplo (transmissão por linguagem, educação, etc.); e o quarto, um fator que é com frequência negligenciado, mas que me parece fundamental e até o fator principal. Chamarei a este fator de equilibração ou, se preferirem, de auto-regulação.

A maturação é uma continuação necessária do processo de formação do sujeito, entretanto, não explica todo o desenvolvimento, ela desempenhará o papel de possibilitar novas condutas que precisam ser atualizadas, levando automaticamente à condição da experiência.

Piaget destaca dois tipos de experiência: a experiência física, que se relacionará com conteúdos assimilados, em que o sujeito agirá sobre os objetos para adquirir o conhecimento e a experiência lógico-matemática, também consistirá na ação do sujeito sobre o objeto, no entanto não é pelo próprio objeto e sim pela própria ação, revelando um aspecto construtivo da própria estrutura. Já a transmissão social (pela linguagem, educação, etc.) transmitirá uma série de informações à criança, mas que só serão assimiladas de acordo com o conjunto de estruturas de desenvolvimento que são relativas ao nível do seu pensamento.

Quanto à equilibração, é considerado por Piaget como sendo o fator fundamental. É um processo ativo e que ele chama de auto-regulação. Para ele, não é possível atingir outro nível de desenvolvimento sem que se tenha atingido um nível anterior. Essa mudança de nível só será possível se houver uma equilibração entre a assimilação às estruturas e a acomodação de tais estruturas aos novos elementos que se apresentam.

A respeito do desenvolvimento da inteligência da criança, Piaget considera quatro estágios, a saber: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

---

<sup>3</sup> *A embriogênese é o que diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas também do sistema nervoso e das funções mentais.*

Neste trabalho nos deteremos no segundo estágio, pois é o que as crianças da pesquisa estão enquadradas.

Na pré-escola, as crianças entre 4 (quatro) e 6 (seis) anos estão no segundo estágio, o pré-operatório e, segundo, Piaget (1972), a criança construiu a função simbólica, que permite o início da linguagem e, logo, forma-se o pensamento ou representação. Entretanto, no nível do pensamento representativo, a criança passa a reconstruir tudo aquilo que foi desenvolvido no estágio anterior, denominado nível sensório-motor.

Na Educação Infantil, as crianças costumam desenvolver a linguagem, que se dá a partir da coordenação de suas ações do conjunto de esquemas sensório-motores decorrente de um sistema lógico de grande complexidade (BECKER 2002). A passagem de estágio sensório-motor para o simbólico (pré-operatório), também pode se caracterizar por uma fase de egocentrismo. A criança passa, por mais dependente que ela seja das influências intelectuais do ambiente, a assimilar informações a seu modo, restringindo-as ao seu ponto de vista, uma vez que ela ainda não consegue distinguir o seu ponto de vista do dos outros que a cercam, devido à falta de coordenação dos agrupamentos de seus próprios pontos de vista. Assim, a criança torna-se egocêntrica por inconsciência de sua subjetividade, tanto no plano social quanto no plano físico. Ou seja, como aponta Piaget (1977 p.208)

nos níveis pré-operatórios (desde que a criança começa a falar, até sete-oito anos mais ou menos), as estruturas próprias ao pensamento nascente excluem a formação das relações sociais de cooperação, as únicas que determinariam a constituição da lógica: a criança, oscilando entre o egocentrismo deformante e a aceitação passiva das influências intelectuais, não é ainda objeto de uma socialização da inteligência, que possa modificar profundamente o mecanismo.

Também é possível observar que estas, iniciam a função simbólica, que para Piaget é a capacidade de reproduzir por meio de uma imagem simbólica uma situação, um objeto ausente ou uma ação que ainda não foi realizada, considerando a imitação como a representação dos fatos, situações, objetos, etc.

Nessa fase, as crianças se utilizam dos jogos simbólicos para poder representar objetos ou situações reais e do mundo adulto, pois ela sente a necessidade de agir como tal, querendo converter esse mundo em conteúdos de suas próprias ações, ou seja, a existência de uma situação imaginária no período pré-escolar da infância é de fato significativa. A partir dos jogos simbólicos, a criança também passa a se desenvolver cognitivamente, pois normalmente existe nos jogos algum enredo, um grande envolvimento com regras e ao brincar a criança irá desenvolver uma função social que ela desempenhará em suas ações. É importante destacar

que os jogos de enredo (que ilustram uma situação imaginária) antecederão aos jogos com regras. Já nos jogos de regras, a criança pela primeira vez se auto-avaliará perante o seu desempenho na brincadeira, comparando-a com os demais participantes. O jogo simbólico também tem a função de socialização e de introduzir a moral na criança, uma vez que ela se deparará com situações em que deverá ajudar ou não um companheiro dentro da brincadeira, por exemplo.

No âmbito da psicanálise, o brincar e o jogo simbólico também são fatores importantes para o desenvolvimento das crianças. Para ilustrar, Winnicott (1971), um psicanalista que se dedicou ao brincar e à psicanálise de crianças, a partir de seus estudos concluiu e estabeleceu que existe uma área intermediária que se localiza entre a realidade psíquica e a realidade externa nos sujeitos. Ele considera essa área como sendo uma zona que está entre o que é subjetivo e o que é objetivamente percebido, que contribuirá tanto para a realidade interna, quanto para a externa. Os objetos e situações que ocorrem nesta área, Winnicott (1971) chamou de transicional.

Como destaca Pinho (2001, p.184) “Segundo Winnicott, o brincar é um processo criativo, que coloca em jogo mundo externo e a subjetividade. Para ele, tanto o brincar quanto a produção da cultura são formações geradas no espaço transicional<sup>4</sup>.”

Outro fator que é importante destacar é o que Winnicott (1971) também se refere à brincadeira como um meio fundamental para a criança resolver os problemas que fazem parte do desenvolvimento. É na brincadeira que a criança adquire experiência que servirão de elo entre as relações do indivíduo e da realidade interna e também do indivíduo com a realidade externa.

---

<sup>4</sup> *O espaço transicional é a zona intermediária que é produzida entre o subjetivo e o objetivo. (Winnicott, apud Pinho)*

## 4 O VÍNCULO TRANSFERENCIAL

No âmbito da Psicanálise, sabemos que a criança não aprende sozinha e, para que a aprendizagem aconteça, é necessário que haja um sujeito mediador entre a criança e a aprendizagem. Esse sujeito se remete à figura do professor. Entretanto, isto não é o suficiente, pois nem sempre essa mediação terá sucesso.

Para que a aprendizagem ocorra, há outros fatores que influenciam a criança a querer aprender. Um dos fatores é a curiosidade. Através dela a criança despertará seus interesses em determinados objetos ou situações. O professor deve estar sempre atento para poder perceber a curiosidade dos alunos e a partir disso, utilizá-la como um facilitador na captação dos alunos.

Outro fator também considerado necessário é a questão da importância que o professor tem para os seus alunos, pois quando o professor é visto como uma figura especial para o aluno, na tentativa de agradá-lo ele irá esforçar-se para aprender. Tal importância que a criança significa ao professor, também remete ao que a teoria freudiana enfatiza como relações afetivas entre os alunos e os professores, pois, para Freud, o valor de tais relações não se dava nos conteúdos cognitivos que transcorriam professor e aluno. Contudo, segundo Kupfer (2005, p. 87) “da perspectiva psicanalítica, não se focalizam os conteúdos, mas o campo que se estabelece entre o professor e seu aluno, que estabelece as condições para aprender, sejam quais forem os conteúdos”. Nesse sentido, na Psicanálise, esse campo estabelecido é denominado Transferência.

Uma vez que o professor é considerado importante para o aluno, ele automaticamente passará a exercer um poder de influência sobre esse. Kupfer (2005), citando Freud, refere que as pessoas que tem a tarefa de educar irão tomar o lugar dos pais, e normalmente do pai, devido ao fato da resolução do complexo de Édipo, para criança. Essas pessoas herdarão os sentimentos que a criança direciona aos seus pais e, a partir disso, os professores se beneficiarão da influência que eles exercem sobre a criança.

Assim, podemos dizer que transferências

São reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a

substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico<sup>5</sup>. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico.<sup>6</sup> (FREUD, 1901 *apud* KUPFER, 2005 p. 88)

Devemos, nessa etapa, destacar a importância dos pais para a criança e considerar a necessidade que a ela tem de se identificar com os pais, tendo neles os exemplos de condutas e percebendo o relacionamento recíproco entre eles. Dessa forma, serão essas condutas que ela absorverá e imitará como uma ferramenta importante para seu autodesenvolvimento.

A partir disso, podemos considerar, então, a escola como um local de ampliação da família. Entretanto, como aponta Winnicott (1971, p.214)

A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de um modo mais correto, uma ampliação da família [...].

O ingresso na escola é considerado o momento em que as crianças terão a uma experiência exterior à família e, assim, ela se deparará com alguns conflitos psicológicos em que o professor certamente fará sua contribuição para que superem tais conflitos importantes para o desenvolvimento. Nesse momento, é normal que ocorra problemas psicológicos que a criança se defrontará, por isso, a presença de um professor será fundamental para ajudá-la, pois, segundo Winnicott (1971), os problemas mal resolvidos nesta etapa da infância podem deixar marcas para a vida toda.

Se partirmos do princípio de que a escola é um local que amplia o papel que a mãe desempenha, outro dever do professor na pré-escola é reforçar as relações pessoais da criança com a sua própria família, ao mesmo tempo em que apresenta as novidades do mundo. Winnicott (1971, p.221) aponta que a professora também assumirá

o papel de uma amiga calorosa e simpática, que será não só o principal esteio da vida da criança fora de casa, mas também uma pessoa resoluta e coerente em seu comportamento para com ela, discernindo suas alegrias e mágoas pessoais, tolerante com suas incoerências e apta a ajudá-la no momento de necessidades especiais. Suas oportunidades situam-se em suas relações pessoais com a criança, com a mãe e com todas as crianças como um grupo.

---

<sup>5</sup> Freud se apropria do termo “Transferência” a partir das análises feitas com seus pacientes durante uma consulta de Psicanálise. E a partir disto, Freud observa que a transferência também ocorre em diversas relações estabelecidas pelas pessoas ao longo da vida, e não só na relação médico-paciente.

<sup>6</sup> Ou seja, “Assim, um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno porque é objeto de uma transferência. E o que se transfere são as experiências vividas primitivamente com os pais.” (KUPFER, 2005, p.88)



É possível dizer que o desejo é outro fator que contribui na produção da transferência. Esse desejo está ligado ao desejo de saber que o aluno carrega consigo e que se afixará com a figura do professor. E, a partir disso, podemos dizer então que transferir é atribuir um sentido especial à figura que é determinada pelo desejo. Nesse sentido, instalada a transferência, o professor concentrará o que for pertencente ao aluno, tornando-o inevitavelmente uma figura que carrega uma importância especial (KUPFER, 2005). Entretanto, “a idéia de transferência mostra que aquele professor em especial foi ‘investido’ pelo desejo daquele aluno. E foi a partir deste ‘investimento’ que a palavra do professor ganhou poder, passando a ser escutada!” (KUPFER, 2005 p.92). Se o aluno atribuir ao professor um sentido especial devido ao desejo, a figura do professor irá fazer parte de seu inconsciente. Como consequência, isso fará com que o aluno escute o que quer que o professor diga, a partir do lugar que está nesse inconsciente.

## 5 OS SUJEITOS DA PESQUISA: DESCRAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

Neste capítulo, serão contextualizados os sujeitos da pesquisa, para melhor entender em que âmbito ela ocorreu, descrevendo a escola e a turma, respectivamente.

### 5.1 DESCRIÇÃO DA ESCOLA

A escola em que foi efetuada a pesquisa é a mesma instituição em que foi realizado o estágio curricular. A instituição é estadual e localiza-se na zona norte de Porto Alegre - RS. A entidade mantenedora desta escola é a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

Nessa instituição, a forma de ingresso é feita por matrícula, em que os pais dos alunos vão até a escola para matricular seus filhos. A comunidade atendida nessa escola, em geral, é de classe média, tendo condições consideravelmente boas de moradia. Porém existem alguns alunos que são oriundos de abrigos (Casa Lar, por exemplo), mas não são um número significativo na escola. No turno da manhã, a instituição atende à comunidade das 7h30min até 11h30min e no turno da tarde das 13h30min até as 17h30. A faixa etária atendida é de 4 anos (turma do Jardim) até os alunos que estão no 9º(nono) ano, independente da idade.

A relação da escola com as famílias dos alunos se faz presente, pois ela está sempre à disposição para atender os pais ou responsáveis dos alunos, sempre procurando mantê-los avisados de algo que for necessário, assim como na grande maioria das escolas.

Esta escola tem dois andares e, em geral, é está em boas condições estruturais, pois é possível observar que a escola está sempre limpa, com iluminação na parte interna e externa da escola. Possui dois pátios externos (um na frente da escola e outro nos fundos), porém pequenos, a praça utilizada pela educação infantil tem brinquedos, é organizada, conservada e arborizada, gerando uma ótima sombra para os alunos. Já o interior da escola possui uma secretaria, salas da Educação Infantil separadas das outras salas por grade no corredor, das séries iniciais até o nono ano, possuindo ventiladores e cortinas em todas. Uma biblioteca e uma sala de informática bem equipada e com acesso à *internet*. O refeitório e a cozinha estão localizados no primeiro andar e também está sempre limpo e organizado. Há um laboratório de ciências que se localiza no segundo andar assim como a sala de informática e a biblioteca. Existe a sala dos professores, a sala da direção, a sala SSE e SOE (Serviço de Supervisão e

Orientação Escolar), banheiros para os alunos, banheiros para os professores (estes ficam chaveados para somente os profissionais terem acesso), bebedores, sala para guardar os materiais da Educação Física, banheiro e bebedor separado para os alunos da Educação Infantil. A escola também possui muitas janelas tornando-se bem arejada por dentro.

Nessa escola ocorrem reuniões quinzenais que envolvem todos os professores, tanto na área da Educação Infantil, quanto na área do Ensino Fundamental. Ao analisar o Projeto Político Pedagógico dessa escola, pude observar que ela tem a sua prática pedagógica embasada em concepções como a escola sendo um espaço que favorece o exercício da cidadania de devido as vivencias dos alunos no dia-a-dia. Proporcionar e exercitar experiências múltiplas como a ajuda, o comprometimento, a responsabilidade e as atitudes solidárias também são algo bastante presente na proposta da escola.

A missão da escola é proporcionar à comunidade escolar uma educação de qualidade oportunizando a construção e a aquisição de conhecimentos fundamentados em valores humanistas que possibilitem a formação de um cidadão crítico, responsável reflexivo, criativo, ético e atuante na sociedade.

## 5.2 A TURMA DO PRÉ-B

A turma cedida para a observação e o estágio curricular é o Pré-B, no turno da tarde; são dezesseis alunos, sendo oito meninas e oito meninos. A faixa etária da turma é de cinco a seis anos de idade. A professora titular da turma tem formação composta por magistério e curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ela leciona nessa escola há 16 (dezesseis) anos; já foi supervisora do turno da tarde e este ano cedeu a supervisão para uma colega, voltando para sala de aula.

Todas as crianças da turma são de classe-média e, segundo a professora titular, possuem moradias fixas e de boa qualidade.

A sala de aula da Pré-Escola é ampla, limpa, e organizada. Possui cinco mesas redondas com espaço para quatro/cinco cadeiras em cada uma. A mesa da professora titular fica no fundo da sala e centralizada. Em um dos cantos há um tapete que serve para os alunos brincar, fazer rodas, descansar. Nesse mesmo canto há algumas caixas com brinquedos (panelas, telefone, carros, etc.). Em um armário lateral estão os jogos e os bichos de pelúcia. Há o “Cantinho da Leitura”, que consiste em algumas prateleiras com livros que também estão ao alcance das crianças. Na parede frontal da sala, está o quadro branco que é amplo, e duas estantes com as caixas de materiais dos alunos. Nas paredes da sala existem cartazes

coloridos para indicar o ajudante do dia, os aniversariantes, as misturas das cores, etc. Há ganchos para que os alunos possam pendurar seus trabalhos realizados.

Os alunos do turno da manhã penduram seus trabalhos em ganchos dentro da sala de aula, já os alunos da tarde, penduram seus trabalhos nos ganchos do lado de fora da sala e cada um tem o nome do aluno em cima. As mochilas dos alunos (tanto os da manhã quanto os da tarde são penduradas em outros ganchos que ficam também do lado de fora da sala. A sala tem uma janela que tem a extensão de toda a parede lateral e com cortinas. Há dois ventiladores de teto, uma televisão, um aparelho de DVD e um aparelho de vídeo para os alunos. Existem dois armários fechados de uso da professora em que ela guarda alguns trabalhos, materiais, revistas, etc. também Ao lado da porta há uma lixeira. Embaixo da janela há um armário embutido que a professora também guarda alguns materiais.

A sala, os brinquedos e os materiais (livros, por exemplo) estão em constante organização pela professora, para que se possa disponibilizar aos alunos os que estão em boa qualidade.

A Rotina<sup>7</sup> da turma ocorre da seguinte forma:

- 13h30min - Oração e chamada;  
- Atividade livre na sala de aula (jogos, brinquedos, etc.)
- 14h - Organização da sala;  
- Atividade;
- 15h - Higiene e merenda;  
- Atividade; (modelagem, colagem, grafismo, pintura, alinhavo, recorte, etc.)
- 16h - Praça;  
- Educação Física orientada (quintas-feira);  
- Conto e música (eventualmente);
- 17h30min. - Liberação individual dos alunos;

---

<sup>7</sup> A rotina da turma está sujeita a mudanças, devido ao clima ou algum evento na escola, por exemplo.

## 6 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para a realização da pesquisa será utilizado como estratégia metodológica o estudo de caso que se refere a um dos tipos de pesquisa qualitativa. O estudo de caso visa investigar um foco, uma parte do objeto de estudo a ser pesquisado, tomando-o como um todo. Possui caráter descritivo, embora possa ser analítico. Pode interrogar a situação e confrontá-la com outras já existentes. Como destaca Yin (2005, p.19)

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Os sujeitos da investigação são de uma turma do Pré-B no turno da tarde, da escola em que foi realizado o estágio curricular. A turma possui dezesseis alunos, sendo oito meninas e oito meninos. Todas as crianças têm idade entre cinco e seis anos de idade. Os alunos dessa turma são considerados de classe média. Todos possuem moradia fixa<sup>8</sup>, vão uniformizados à escola e possuem os materiais didáticos solicitados pela professora. Também é possível dizer que os pais ou responsáveis pelas crianças dessa turma mostraram-se presentes e preocupados com a vida escolar delas, embora eventualmente ocorresse alguns “lapsos” quanto à assinatura de bilhetes na agenda, esquecimento nas devoluções de trabalhos, ou falta às reuniões com as professoras.

O período de estágio ocorreu do dia quinze de março de dois mil e onze<sup>9</sup> até o dia vinte e nove de junho de dois mil e onze. Durante esse período, acompanhei todas as atividades da turma assessorada pela professora titular

Cabe destacar que, quando referido o vínculo transferencial, faz-se segundo autores da psicanálise, citados no quarto capítulo. Assim, a transferência ocupa o lugar dado pelo aluno ao professor, ou seja, o vínculo aluno-professor que possibilita a aprendizagem e denuncia o desejo de saber do aluno (KUPFER, 2005).

É importante ressaltar que nesse trabalho foi analisada apenas a questão transferencial dos alunos com a estagiária, não nos aprofundaremos na transferência dos alunos com a professora titular e nem com a direção da escola.

---

<sup>8</sup> *Informações obtidas através da entrevista realizada no início do ano letivo pela professora titular.*

<sup>9</sup> *Do dia 15/03/2011 até o dia 28/03/2011, totalizei quarenta horas de observação, para em seguida iniciar efetivamente o estágio. A atividade de observação faz parte do estágio curricular.*

As questões norteadoras apontam para uma análise de dados realizada a partir das interações dos alunos com a professora titular, com a estagiária, nos diversos espaços, a saber: atividades pedagógicas como desenhos e escrita, fotos, presentes dados pelos alunos à estagiária, convites de aniversário, verbalizações dos alunos, abraços, beijos, etc.

## 7 DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será descrita a experiência a partir do diário de campo com a fala dos alunos, da professora titular e de alguns pais. Também trago a descrição de momentos marcantes, atividades relevantes, algumas produções de trabalhos e recados.

### 7.1 CAMINHANDO COM OS ALUNOS DO PRÉ-B

Observei que, desde os primeiros encontros, as crianças ficaram muito curiosas e entusiasmadas com o trabalho proposto: *“Já a relação entre mim e os alunos pareceu muito boa. Os alunos foram carinhosos e não se sentiram envergonhados. Desde o primeiro dia de observação fui apresentada para turma pela professora titular como sendo outra professora e os alunos, a partir deste dia, já me chamaram de ‘Profe’.* Acredito ser um fator positivo para a prática do meu estágio, ser vista como a professora desde o primeiro momento. Os alunos foram bastante afetuosos e sempre exigiam a minha atenção. Ao terminar as tarefas, por exemplo, mostravam para mim e para a professora titular. Penso já estarem habituados com a idéia de duas professoras em sala de aula.”<sup>10</sup>. O fato de eu ter me mostrado interessada pelas conversas dos alunos e por dar-lhes atenção, foi importante para conseguir ganhar a confiança deles com facilidade.

De maneira geral, também ficou claro perceber desde o início que as relações aluno-aluno e aluno-professor eram muito agradáveis, afetuosas, respeitosas e de colaboração. Foi possível notar que os alunos gostam uns dos outros, brincam juntos, entretanto, eventualmente se “estranham” por pequenos motivos, como a disputa pelo mesmo brinquedo, pelo mesmo material, etc. Quanto à relação com a professora titular, foi possível perceber que os alunos têm muito respeito e carinho por ela: *“Já a relação dos alunos com a professora titular é também afetuosa e muito respeitosa. Os alunos costumam pedir a permissão para ir beber água ou ir ao banheiro. Estão sempre contando novidades ou fatos ocorridos em suas casas, havendo muita conversa entre eles. A professora sempre se mostra interessada e preocupada com seus alunos, sendo muito afetiva com eles. Quando necessário, ela é firme com os alunos.”*<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Trecho do meu relatório pessoal de observação – portfólio de estágio curricular.

<sup>11</sup> Idem 9.

Realizei diversas atividades para promover a participação dos alunos no grande grupo, como, por exemplo, quando possível, oportunizava aos alunos que quisessem relatar a sua produção, um momento especial ao final da atividade para apresentá-la aos colegas (ANEXO A). O que me motivou a realizar atividades nesse sentido foi perceber ao longo do tempo o quanto estava sendo significativo para eles o fato de participar e de se expor dentro do grande grupo e o quanto eles gostavam desse tipo de ocasião, já que me pediam ao término de diversas atividades: “*Profe, posso contar o meu trabalho?*”<sup>12</sup>.

Outra atividade que ilustra a participação dos alunos foi a “Introdução aos números” (ANEXO B). Consistia em um aluno de cada vez ir até o quadro e traçar o número recém aprendido algumas vezes, os alunos que estavam assistindo aplaudiam os colegas que conseguiam traçá-lo e também os que mesmo sem conseguir, tentavam. A ansiedade por esperar a sua vez não foi um fator que atrapalhou a atividade, pois os alunos ficavam atentos observando seus colegas além de fazer comentários: “*Olhem ali! O ‘8’ do G. é bem pequenininho, parece um filhotinho!*”

O fato de estar aberta aos assuntos extraclasse que os alunos traziam para compartilhar permitia que tivessem a palavra não só em momentos de roda. Ter dado a atenção que os alunos necessitavam, foi um fator importante e assim, puderam acreditar que eu estava ali para ajudá-los e que eles podiam confiar. A partir do momento que tal vínculo afetivo foi se fortalecendo, ficou mais fácil realizar o planejamento, pois eles se mostravam dispostos e interessados em participar.

Outro momento marcante neste período foi quando fiz minha festa de aniversário na sala da turma, recebi muito carinho e elogios: “*Continua sendo esta pessoa incrível e dedicada, pois assim tu podes ter certeza de que fará a diferença na vida de cada aluno!*”<sup>13</sup>.

No período do término do estágio, os alunos, mesmo avisados previamente de que não iriam mais ter aula comigo, só vieram a compreender quando não me viram na escola. Nesse dia, ocorreu uma festa de despedida em que recebi muito carinho e também muita lamentação dos pais que me perguntavam por que eu não iria ficar na escola até o final do ano. O quanto o meu papel deixou marcas nos alunos: “*Marcelli, não foi possível realizarmos um passeio que planejamos por causa do tempo, mas gostaríamos muito que tu fosses com a gente quando marcarmos, pois a tua presença é muito especial para a gente. A turma vai adorar que tu vás*

---

<sup>12</sup> Fala de uma aluna que se mostrava ansiosa para descrever seu trabalho para a turma.

<sup>13</sup> Felicitações da mãe de um aluno pelo meu aniversário no momento da saída da turma.



*junto. Assim que eu souber a data, te aviso!”<sup>14</sup>. A partir desta citação é possível observar que foi criada uma parceria entre mim e a professora. O fato de ela ter me convidado a participar do passeio, mesmo fora do meu período de estágio, comprova que existiu confiança no meu trabalho.*

Alguns meses depois do fim do estágio fui convidada para a festa de aniversário de alguns alunos. Quando cheguei à sala de aula, todos ao mesmo tempo ficaram na minha volta e começaram a me abraçar forte dando pulos de alegria já que desde o término do estágio até a primeira visita transcorreram três meses. A professora titular teve que organizar a turma em uma fila: *“Façam uma fila pra dar um beijo na ‘profe’ Marcelli se não vocês vão derrubá-la!”* Durante o resto da tarde, os alunos ficaram junto a mim e pediam para brincar, jogar balões interagindo com eles. A aluna R. foi até mim e me disse: *“Sabia ‘profe’ que vários dias eu senti saudades de ti e me deu vontade de chorar?”*. Outros alunos me perguntaram quando eu iria voltar para dar aula a eles. A mãe do aniversariante relatou que ele estava com muita saudade e que queria muito que eu comparecesse à festa: *“O L. ficou triste que tu não vieste mais dar aula, ele me contou em casa que tu foste uma professora muito legal e que ele gostava muito. Ficou me incomodando pra te convidar para a festa dele já algumas semanas antes da data. Ele ficava dizendo em casa: ‘A profe tem que vir mãe!’”*.

No mês de setembro, também fui convidada para outra festa de aniversário. O aniversariante me abraçou forte e sorridente agradeceu a minha presença. Nesse dia, a aluna B. disse: *“‘Profe’, sabia que eu ainda sei desenhar o João Bolinha que tu ‘ensinou’ para a gente?”<sup>15</sup>*. Falas desse tipo ilustram que o que foi aprendido, de certa forma foi significativo para os alunos, já que ficou registrado.

## 7.2 APRESENTANDO ALGUMAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

Eventualmente, algum aluno que chegava para a aula trazia um desenho feito em casa, uma flor, ou alguma guloseima, como bombom, balas, etc. para entregar para a estagiária.

Para ilustrar, destaco os recados e desenhos (ANEXO C) confeccionados pelas alunas gêmeas, que algumas vezes me entregavam ao chegar da escola. Quando traziam flores, entregavam-nas antes mesmo de tirar a mochila das costas. Certa vez, o aluno T. entregou-me

---

<sup>14</sup> Fala da professora titular. Devido à falta de tempo não foi possível realizar um passeio que iríamos combinar com a turma. Por isso, ela disse que quando houvesse algum passeio faria questão de me convidar, mesmo que fosse no período fora do estágio curricular. Tal atitude me mostra o quanto fui importante para os alunos e para a professora.

<sup>15</sup> João Bolinha foi um personagem criado pela turma para ilustrar a forma geométrica do círculo. Para cada forma geométrica, criamos um personagem.

o símbolo de um time de futebol (ANEXO D) desenhado por ele e disse: *“Profe, eu me lembrei que tu é deste time e eu quis fazer isso pra ti!”*

Nos momentos de atividades em sala de aula, normalmente após a confecção de trabalhos gráfico-plásticos, alguns alunos sempre perguntavam se podiam fazer de novo, pois eles queriam “presentear” a estagiária com um trabalho para guardar de recordação. *“Profe, posso fazer um pra ti?”*, *“Profe, tem mais folha? É porque eu queria fazer outro pra ti!”*<sup>16</sup> (ANEXO E)

A aluna C. produziu em casa um bilhete com desenhos que nele está representada a figura da aluna e da estagiária com muitos corações em volta (ANEXO F). Outra produção que destaco é um desenho da aluna I., que também está sendo representada a figura da aluna com a estagiária (ANEXO G).

Outros trabalhos realizados pelos alunos para presentear a estagiária também ilustram o cuidado dos alunos em querer agradá-la (ANEXO H). Além disso, destaco um dos presentes (ANEXO I) que recebi da aluna I. em meu aniversário.

### 7.3 CAPTURANDO QUESTÕES TRANSFERENCIAIS

É possível dizer que o vínculo transferencial entre aluno-professor, nessa turma foi se constituindo a partir das relações afetivas refletidas nos atos dos alunos com a estagiária. Assim, ao analisar tais situações citadas anteriormente, percebemos que lembrar-se da professora já é algo significativo.

Inicio as análises destacando que o fato de a estagiária ter dado atenção aos alunos em diversos momentos do estágio, assim como ouvi-los, quando traziam assuntos extraclasse, foi um fator que pode ter contribuído na construção do vínculo transferencial dos alunos pela figura da estagiária. Observou-se também que as atividades que promovem a participação dos alunos e oportunizam esses momentos os motivam, e novamente faço menção ao fato de que isso pode ter contribuído na construção do vínculo. Logo, eles sentiam-se seguros e enxergavam na figura desta, alguém que eles poderiam compartilhar palavras e sentimentos. Lembremos, então, que as relações afetivas também têm um lugar importante na sala de aula, e não somente o que se ensina, remetendo aos conteúdos. Nesse sentido, Kupfer (2005, p.85) aponta que na relação aluno-professor

---

<sup>16</sup> Fala de dois alunos ao final da confecção de um trabalho de artes.

pode-se perceber que a ênfase dada por Freud ao estudo da relação entre um professor e um aluno não estava no valor dos conteúdos cognitivos que transitam entre estas duas pessoas – vale dizer, na informação que é transmitida de um para o outro. Sim, a ênfase freudiana está concentrada sobretudo nas relações **afetivas** entre professores e alunos.

A transferência também pode ser observada no momento da volta da estagiária à escola, depois do término do estágio. A partir disso, é possível observar que o ato dos alunos em abraçar a estagiária fortemente representa mais um momento de transferência. Tal ocorrência ilustra o afeto que os alunos construíram pela figura da estagiária e que não foi posto de lado com o fim do estágio. A fala da aluna R. representa claramente essa situação. Ao dizer para a estagiária que sentia vontade de chorar sempre que a lembrava e sentia saudades, pode significar que R. construiu um vínculo com a estagiária demonstrando que ele continuou existindo a partir do contato novamente ocorrido com ela.

Nessa visita após o fim do estágio, a aluna B. contou à estagiária que ainda sabia confeccionar um personagem que foi criado pelo grupo. Para essa aluna, as atividades realizadas pela estagiária tornaram-se significativas e em especial a do “João Bolinha”, a que ela se referiu. Naquele momento, ela estava demonstrando para a estagiária todo o significado que a atividade teve para ela. Ao fazer uma relação com os estudos de Piaget, percebemos que a função simbólica está atribuída à atividade. Pinho (2001, p. 187) destaca que

para Piaget a função simbólica diz respeito à capacidade que adquire uma criança de diferenciar significantes e significados. [...] o jogo simbólico, a imitação diferida, o desenho, a imagem mental e a linguagem – é o indicativo do nascimento da função simbólica.

Neste caso, podemos observar que B., a partir do personagem, criou um interesse naquela atividade ilustrando a função simbólica que é característica nesta fase. Retomamos, então, que a aluna atribuiu um sentido especial à figura da estagiária e conseqüentemente à atividade que ela realizou com a turma, uma vez que a transferência também se dá pelo fato de o aluno enxergar o professor como uma figura importante a fim de tentar agradá-lo esforçando-se a aprender ou mostrar o que foi aprendido.

Podemos observar a transferência também nos momentos em que os alunos têm o cuidado de elaborar algum desenho ou recado para entregar à estagiária. Isso mostra que as alunas gêmeas, citadas anteriormente, possivelmente construíram um vínculo afetivo pela figura da estagiária.

No caso do aluno T., que entregou o símbolo do time de futebol, ao analisar a sua fala, percebemos que o vínculo afetivo vai além do carinho. O vínculo faz com que a criança

também perceba situações, objetos, etc. que agradem o professor e se utilize disso para querer agradá-lo também.

Já na análise dos desenhos das alunas C. e I., percebemos que as alunas tiveram o cuidado de desenhar uma cena em que os personagens foram pensando a partir da figura pessoal delas junto com a figura da estagiária. Isso pode significar que o vínculo transferencial apareceu também nestas alunas.

Assim, a repetição dos trabalhos gráfico-plásticos para presentear a estagiária também podem representar o vínculo transferencial dos alunos. Analisamos tal situação e percebemos que nela estão representadas questões transferenciais, no sentido de que mais uma vez os alunos tiveram a preocupação e o cuidado de entregar para a estagiária um presente no qual fossem lembrados por ela.

Ao fazer uma breve relação entre a Transferência e a Escola Infantil, analisamos que o vínculo está à cima dos conteúdos. Assim, quando pensamos no papel da Educação Infantil, devemos fazer esta análise, pois como aponta Bujes (2001, p.21)

[...] a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação.

É possível observar que a Educação Infantil também visa o princípio de que as relações de cuidado, afeto, interesse, acolhimento, preocupação, etc. passam além dos conteúdos, assim como na Transferência.

Os atos que representam a dedicação e empenho constante para que os alunos atinjam suas metas pedagógicas traçadas ao longo do planejamento, o interesse pelos alunos, também acredito ser outro fator contribuinte para fortalecer tal vínculo, pois, a partir deste interesse, os alunos perceberam que naquele espaço estavam sendo acolhidos e seguros, o que conseqüentemente os motivou a participar e interagir durante as atividades.

Desse modo, considero que o vínculo transferencial pode ter interferido na aprendizagem, no sentido em que os alunos motivaram-se e mostraram-se interessados, na grande maioria dos momentos letivos. A partir do instante em que os alunos vêm na sala de aula motivações, eles provavelmente terão prazer em realizar as atividades o que de certa forma refletem em suas aprendizagens.

Atos de ternura, como o próprio contato físico (abraços e beijos), também fizeram a diferença na construção dos momentos de vínculo e ilustram também as marcas que podemos observar nos alunos. Ao capturar momentos transferenciais, é possível observar nos alunos algumas marcas deixadas pela transferência, tais como vontade de participar, motivação, relações afetuosas e respeitadas com os colegas, colaboração que ocorreram em diversos momentos de estágio. O vínculo transferencial pode ser então, uma ferramenta facilitadora da aprendizagem.

Contudo, cito alguns momentos transferenciais com três alunos específicos: a abertura para pensar a turma a partir da transferência fez com que fosse retomado alguns casos de alunos, como a aluna T.. Ela trazia situações de carência afetiva na relação com a estagiária, como reflexos de seu histórico familiar. Em entrevista com a professora titular, a avó da aluna declarou que T. presenciou a morte da mãe no ano de 2007, quando ela estava com três anos de idade. Ao perguntar para aluna se lembra da situação, ela afirma que sim. Tal fato nos leva a crer que T. traz consigo questões transferências muito fortes no período escolar, necessitando de contato físico, como abraços e beijos, assim como os retribui. Isso ilustra o que pode ser considerado a construção de alguns momentos transferenciais pela aluna.

O aluno LH. vivenciou uma situação de separação dos pais, além de presenciar o arrependimento do pai, mas a negação da mãe por não querer voltar. Ele trazia para a escola carência, apresentando-se afetivo com a professora. Tal sinal também pode ser considerado um momento de transferência do aluno.

O aluno L. é outro exemplo que cito de momentos transferenciais ocorridos entre aluno-estagiária. L. apresentava situação de revolta, medo, vergonha e muita carência durante a aula. Ao investigar seu histórico familiar, foi constatado que seu pai é usuário de drogas e em casa presenciava cenas deste roubando objetos para trocar por drogas, além de presenciar o pai alterado. Tal situação familiar foi relatada pela mãe do aluno, juntamente com um pedido de ajuda, pois ela observou que L. estava sofrendo com essa situação. Esse histórico familiar pode ter contribuído para que o aluno construísse momentos transferenciais com a estagiária. Na hora do lanche, L. sempre oferecia parte de sua merenda à estagiária. Isso mostra mais um sentimento de cuidado que ele desenvolveu pela estagiária.

Quanto à professora titular, considero que ela interferiu no vínculo transferencial entre a estagiária e os alunos. Interferência que ocorreu no sentido de possibilitar que o vínculo se construísse. Durante as aulas, ela sempre esteve com postura de professora “observadora” e ela entregou-me a turma cedendo aquele espaço para que pudesse efetuar meu trabalho de docência. Portanto, apesar de ela ter me auxiliado, durante aquele período eu quem estava no

“comando” da turma e por isso, os acontecimentos eram voltados às minhas decisões. Ou seja, o fato de permitir a minha ação em sua turma interferiu no vínculo, uma vez que ela possibilitou a transferência positiva entre alunos e estagiária sem causar empecilhos. A partir disso, é possível considerar, como aponta Silva (2010, p.45)

No caso do professor, entendemos que também é o seu *desejo* o que o conduz no manejo da transferência na relação com seus alunos, de modo a resultar em experiência de transmissão. É o que afirmam Rickes e Stolzmann (1999), ao discutir essa questão: “o professor é também marcado por seu próprio desejo inconsciente. Desejo de (trans)missão, de ensinar algo a alguém que está na posição de querer saber”.

Então, ao relacionar esse apontamento, percebemos que no caso da professora titular, ela também deseja o desejo de aprender dos seus alunos. Nesse sentido, ela possibilitou o trabalho da estagiária também pelo fato de querer que os seus alunos de certa forma continuem aprendendo, mesmo que não sendo por ela e sim pela estagiária que também porta este desejo.

Tais acontecimentos analisados também podem ser considerados, então, os indicadores dos momentos transferenciais ocorridos, pois ilustram a ocorrência destes durante este período.

Por fim, o vínculo transferencial foi construído na turma a partir desse lugar que os alunos colocaram a estagiária. Lugar esse que destaca a estagiária uma figura vista como especial e importante naquele espaço. A partir disso, percebemos que é possível a construção do vínculo transferencial pela figura da estagiária ainda que em um curto período de treze semanas. Não necessariamente esse vínculo se dará só entre os alunos e professoras titulares que assumam uma turma durante todo o ano letivo, mas com essa pesquisa conseguimos então visualizar que há possibilidades desse acontecer no período de estágio curricular.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa requer um olhar atento, uma direção, um foco. Este trabalho procurou atender a esses pontos, apesar de esta ser uma tarefa árdua e um pouco difícil, leituras e releituras, escritas e reescritas, dúvidas e esclarecimentos. Essa pesquisa é o resultado de meu estudo focalizado na possível construção do vínculo transferencial entre aluno/estagiária no limite de um curto período de treze semanas de estágio curricular.

Penso, então, esse processo de pesquisa como um momento de reflexão e de construção de novos conhecimentos acerca do assunto estudado e que certamente complementam minha formação docente. Através de buscas, pesquisas, referenciais teóricos, observações, etc., pude aprender um pouco mais sobre um assunto que me despertou interesse. Contudo, entendo o conhecimento como uma constante construção e não sendo finalizado com o encerramento da graduação.

Nesse sentido, ressalvo que este trabalho, de certa forma, completa mais um passo de minha extensa caminhada. A partir dele, pude entender melhor como se dá a construção do vínculo e a possibilidade que esse tem de existir nesse curto período. O reflexo desse vínculo durante o período de estágio se deu também pelo fato de eu me mostrar interessada pelas crianças, por eu sempre incentivá-las e desafiá-las a participar. Sempre procurei mostrar que eu acreditava no potencial de cada uma delas e sempre fui persistente incentivando-os a tentar realizar as tarefas que os alunos diziam não conseguir. Devido a tal persistência e grande atenção dada os alunos, eles começaram a se dar conta de que são capazes de realizar as tarefas e isso os motivava cada vez mais, instigando-os a querer novos desafios. A partir disso, considero que o vínculo transferencial, de certa forma, também dependerá desses aspectos para poder acontecer.

O conceito de Transferência, então, pode ser importante e necessário quando trabalhamos com alunos da Educação Infantil, pois esse vínculo positivo e forte com o professor vai possibilitar uma abertura para o desejo de aprender dos próprios alunos, o que certamente contribui em sua aprendizagem.

Destaco que o referencial piagetiano auxiliou na compreensão do estágio em que os alunos estudados estão e quais as características desse. Acredito que foi preciso conhecer e saber em que estágio eles estão e pensá-lo a partir do jogo simbólico proposto por Piaget.

As referências de Winnicott (1971) e Kupfer (2005) ajudaram a entender o conceito de Transferência no âmbito da Psicanálise e as contribuições que ela pode ter dentro da

educação, considerando que Kupfer (2005) traz a Transferência na área clínica para a área educação, ajudando a compreender as relações que ela pode representar.

Por fim, considero que a minha experiência na Educação Infantil se ateve ao vínculo afetivo. Entretanto, sei que pode haver turmas em que alunos tenham dificuldades de se relacionar com o professor, devido ao fato dele não demonstrar afeto. Com este trabalho, espero poder contribuir para que os atuantes na Educação Infantil percebam, de maneira geral, que tais condições de afeto abrem possibilidades de transferências dos alunos com o professor, o que pode contribuir na aprendizagem destes. Não devemos esquecer que as crianças são seres ativos, que possuem vontades e necessidades e, a partir disso, pensar melhores maneiras de desenvolver um trabalho pedagógico com elas.



## REFERÊNCIAS

BECKER, F. Ação, função simbólica e capacidade representativa. In: **Função simbólica e aprendizagem**. Porto Alegre: EDUCAT, 2002. p. 7-32.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: Pra que te Quero?. In: CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis. (org) **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 13-22.

DANTAS, Heloísa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERRACIOLI, Laércio. Aspectos da Construção do Conhecimento e da Aprendizagem na Obra de Piaget. Cad.Cat.Ens.Fís., Vitória ES, v. 16, n. 2: p. 180-194, ago. 1999. Disponível em: <<http://www.fsc.ufsc.br/cbef/port/16-2/artpdf/a5.pdf>> Acesso em: 9 nov. 2011.

INHELDER, Bärbel. A contribuição das pesquisas sobre a lógica das aprendizagens e a aprendizagem das estruturas lógicas na perspectiva da epistemologia genética. In: INHELDER, Bärbel. **Aprendizagem e Estruturas do Conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 1977.

KUPFER, Maria Cristina. O Desejo de Saber: Uma teoria freudiana da aprendizagem. In: **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 2005. p. 78-87

\_\_\_\_\_. Poder e Desejo: A Transferência na relação professor-aluno. In: **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 2005. p. 87-94.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) vol.9 no.2 Campinas Dec. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 23 nov. 2011.

PIAGET, Jean. Desenvolvimento e Aprendizagem. In: LAVATELLY, C. S. e STENDLER, F. *Reading in child behavior and development*. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972.

\_\_\_\_\_. Os fatores sociais do desenvolvimento intelectual. In: PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 201-206.

PINHO, G. S. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. In: **Escritos da criança**. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001, nº 6, p.179-192.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. *Estud. psicol. (Campinas)* vol.27 no.3 Campinas July/Sept. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300012)> Acesso em: 7 set. 2011.

SILVA, Iranice Carvalho da. *Da Presença Virtual: Um Estudo sobre a Transferência em Contexto de Educação a Distância*. Porto Alegre, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. *Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Lisboa, Portugal: Moraes, 1979.

WINNICOTT, D. W. A mãe, a Professora e as Necessidades da Criança. In: **A Criança e o seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 214-224.

\_\_\_\_\_, Por que as Crianças Brincam. In: **A Criança e o seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 161-165.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005. 3ª Ed.

## FONTES CONSULTADAS

FERRACIOLLI, Laércio. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. In: R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 194, p. 5-18, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/191/191>> Acesso em: 1 set. 2011.

PIAGET, Jean. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1974.

STOLTZ, Tânia. O Problema das Relações entre Afetividade e Inteligência. In: BERTUCCI, Liane Maria. DINIS, Nilson Fernandes. (org) **Múltiplas Faces do Educar: Processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente**. Paraná: UFPR, 2007.

WINNICOTT, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre Artmed, 1983, reimpressão 2008.

\_\_\_\_\_. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – MOMENTO DE RELATO DA ATIVIDADE



Aluna relatando sua atividade para a turma.

## ANEXO B – EXEMPLO DE ATIVIDADE

Exemplo de atividade que também promovia a participação dos alunos.

### **Atividade 2 - Apresentação do número 8:**

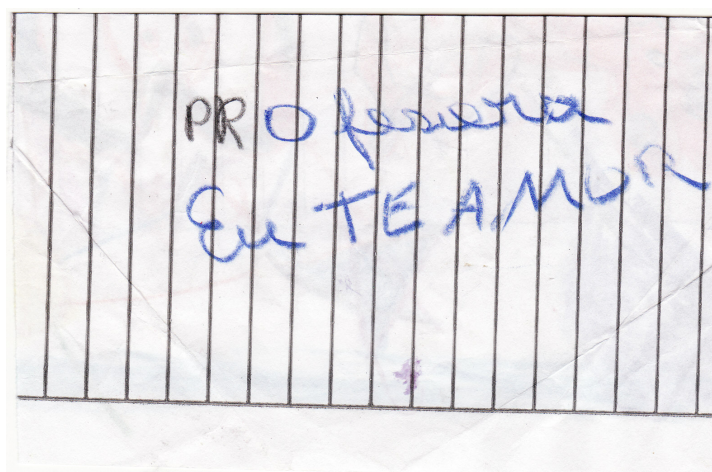
#### Objetivos:

- Possibilitar o desenvolvimento da motricidade fina a partir da escrita do número.
- Fixar a escrita do número e compreender o seu significado.
- Promover a participação dos alunos diante do grande grupo.
- Valorizar a experiência de cada aluno a partir do momento de exposição à turma.

#### Procedimento:

Após mostrar aos alunos o traçado do número oito no quadro, e atentar à quantidade que este representa, pedirei aos alunos que quiserem para que individualmente tentem escrevê-lo no quadro algumas vezes. [...]

**ANEXO C – EXEMPLO DE RECADOS PARA A ESTAGIÁRIA**



Alguns recados e desenhos das alunas T. e T. que os entregavam no início da aula.

## ANEXO D – DESENHO PARA A ESTAGIÁRIA



Desenho do símbolo do time de futebol feito por T. e entregue a estagiária.



## ANEXO E – EXEMPLOS DE ATIVIDADES GRÁFICO-PLÁSTICAS



Exemplos de atividades repetidas para entregar a estagiária.

## ANEXO F – DESENHO ALUNA-ESTAGIÁRIA



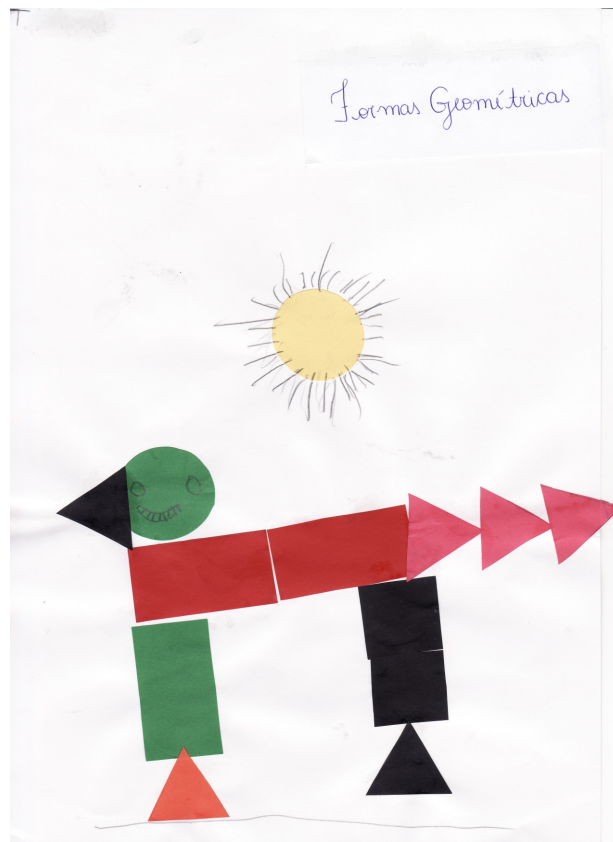
Desenho feito por C. ilustrando a aluna junto com a professora.

ANEXO G – EXEMPLO DE BILHETE PARA A ESTAGIÁRIA



Bilhete da aluna I. entregue a estagiária.

## ANEXO H – ATIVIDADES ENTREGUE PARA A ESTAGIÁRIA



Outros exemplos de atividades confeccionadas para apresentar a estagiária.

## ANEXO I – PRESENTE PARA A ESTAGIÁRIA



Presente de aniversário da aluna I. para a estagiária.

Escrita dentro do coração: “Com Carinho”